

**ANAIS**  
**VI CONGRESSO DA PÓS-GRADUAÇÃO NA ESAL**  
**10 a 12 DE NOVEMBRO DE 1993**

**ASSOCIAÇÃO DE PÓS-GRADUANDOS DA ESAL**

**Caixa Postal 37 - Campus Universitário**

**Fone (035) 829-1216**

**CEP 37200.000 - LAVRAS-MG/BRASIL**

**ESCOLA SUPERIOR DE AGRICULTURA DE LAVRAS**

FONTES DE RESISTÊNCIA AO FUNGO DA ANTRACNOSE (Colletotrichum lindemuthianum) EM FEIJÃO COLETADO NO SUL DE MINAS GERAIS

J.R. Fonseca\*, M.A.P. Ramalho\*\*, M.J.B. Andrade\*\*\* e  
A.F.B. Abreu\*\*\*\*

\* Doutorando Fitotecnia ESAL

\*\* Prof. Titular da ESAL e bolsista do CNPq

\*\*\* Prof. Adjunto da ESAL e bolsista do CNPq

\*\*\*\* Pesquisadora da EMBRAPA/EPAMIG

O Sul de Minas Gerais é uma tradicional região produtora de feijão no Brasil. Nessa região predomina o cultivo de subsistência e os agricultores reutilizam os seus grãos como semente por várias gerações. A antracnose é o principal patógeno que ocorre nessa região, devido às condições serem favoráveis. Dessa forma, é esperado que, através do cultivo sucessivo de uma mesma cultivar, com a reutilização da semente, possa haver razoável seleção natural de plantas resistentes a esse patógeno.

Visando avaliar essa hipótese, 119 amostras de feijão coletadas na região no período de maio e junho de 1989 foram avaliadas no Departamento de Biologia da ESAL, em 1993. Para tal, em ambiente normal de casa de vegetação, seis sementes de cada material foram semeadas em bandejas contendo solo esterilizado. Logo após a germinação, quando as plântulas se apresentavam com as folhas primárias desenvolvidas, procedeu-se à inoculação artificial com esporos de Colletotrichum lindemuthianum obtidos de lesões de vagens procedentes de cultura de feijão no Departamento de Agricultura/ESAL, identificados como da raça 81 daquele patógeno. Para as inoculações, foram utilizados suspensões de esporos obtidos a partir de diversas placas, com culturas de 10-15 dias de crescimento e cuja concentração, determinada através de hemacitômetro, era de  $1,2 \times 10^6$  esporos por ml. Posteriormente às inoculações, as bandejas foram transportadas para câmara de crescimento com intervalos alternados de luminosidade, ou seja, 12 horas em condições de luz e 12 horas no escuro. Com o intuito de proporcionar condições ideais de umidade para a incubação da doença, as plântulas de cada bandeja foram cobertas com saco plástico e ali permaneceram por 96 horas. Em seguida, foram levadas novamente para casa de vegetação, onde a leitura das lesões foi realizada 5 dias após a retirada da câmara (PIO-RIBEIRO & CHAVES, 1975).

Como resultado, constatou-se que em 20% das amostras, todas as plantas mostraram-se resistentes e que em 24% houve segregação na amostra (Figura 1). A resistência foi encontrada em amostras de diferentes tipos de grãos, constituindo-se, portanto, em excelentes fontes de resistência para serem utilizadas no melhoramento, haja vista que são materiais já adaptados.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

PIO-RIBEIRO, G. & CHAVES, G.M. Raças fisiológicas de Colletotrichum lindemuthianum (Sacc. et Magn) Scrib. que ocorrem em alguns municípios de Minas Gerais, Espírito Santo e Rio de Janeiro. Experientiae, Viçosa, 19:95-118, 1975.

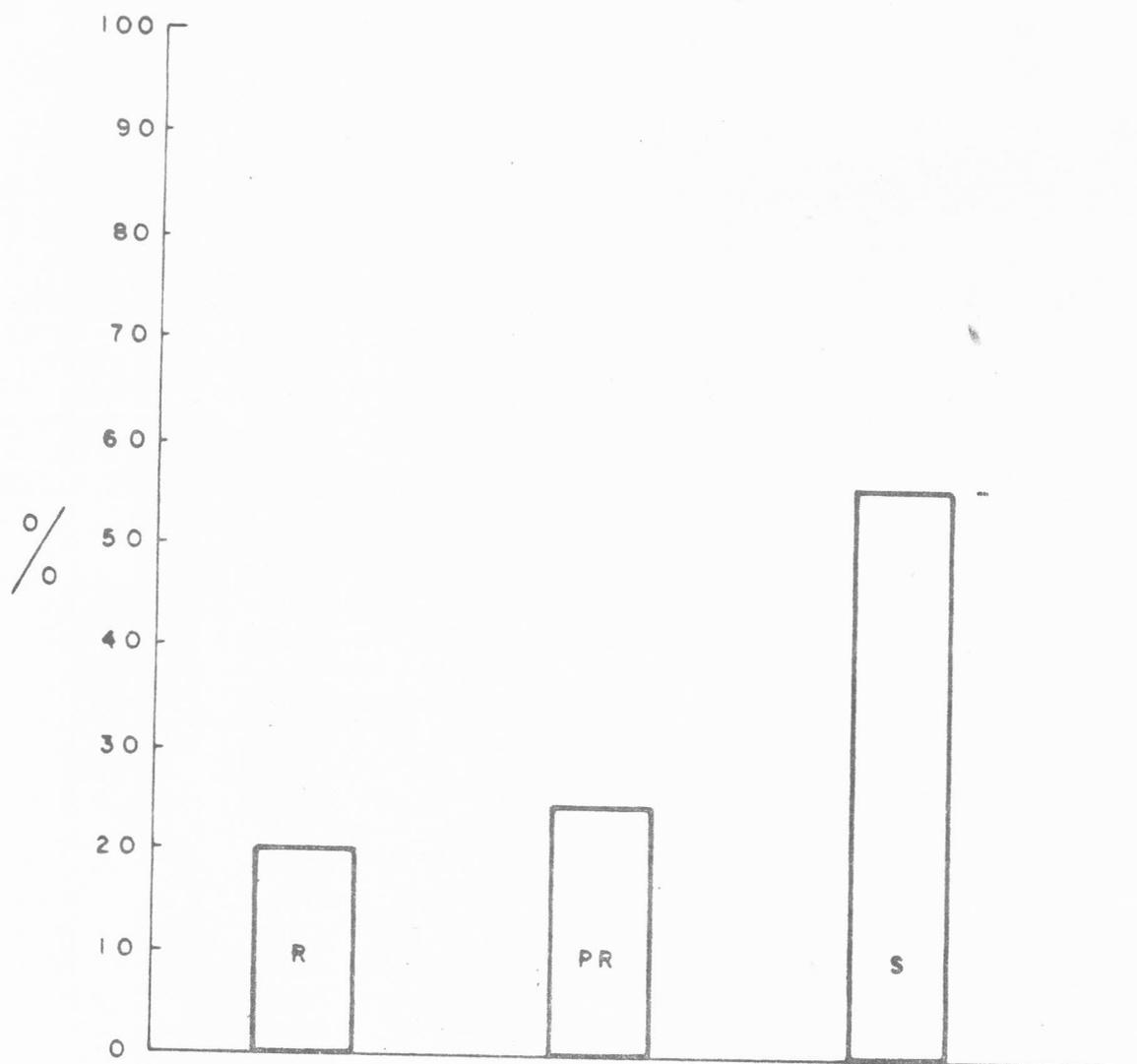


FIG 1 - Percentagens de amostras que se apresentaram resistentes (R), parcialmente resistentes (PR) e suscetíveis (S) à antracnose (Colletotrichum lindemuthianum, raça 81).